



FILHOS DE IMPÉRIO E PÓS-MEMÓRIAS EUROPEIAS
CHILDREN OF EMPIRES AND EUROPEAN POSTMEMORIES
ENFANTS D'EMPIRES ET POSTMÉMOIRES EUROPÉENNES

Sábado, 19 de janeiro de 2019



Mais Um Dia de Vida | 2018 | cortesia Midas Filmes

MAIS UM DIA DE VIDA: MEMORIALIZAÇÃO DO JORNALISTA, ESQUECIMENTO DE ANGOLA

Hélia Santos

Em novembro de 2018, circulou nas salas de cinema em Portugal a adaptação ao cinema do livro *Mais um Dia de Vida: Angola 1975* do jornalista Ryszard Kapuscinski, originalmente publicado em 1976 (1). Polaco (1932-2007), o jornalista foi correspondente de guerra durante grande parte da sua vida profissional, tendo acompanhado de perto os processos de independência de vários países em África, e não só. Em *Mais um Dia de Vida*, o jornalista regista o seu testemunho da transição para a independência em Angola e o escalar do conflito armado, entre setembro e novembro de 1975. Observador em Luanda do êxodo



MAIS UM DIA DE VIDA:
MEMORIALIZAÇÃO DO JORNALISTA,
ESQUECIMENTO DE ANGOLA

das forças militares portuguesas e de colonos pela ponte aérea, o jornalista decide deslocar-se à região sul do país, de onde quase não chegam notícias. Na sua viagem, verifica que a Guerra Fria também se joga em Angola: assiste à segunda incursão da África do Sul pela fronteira com a Namíbia e à chegada do primeiro contingente do exército cubano a Luanda a 19 de outubro de 1975. É a reportagem literária desta sua experiência em Angola que foi agora adaptada ao cinema pelo documentarista espanhol Raúl de la Fuente (1974) e do realizador de cinema de animação, polaco, Damian Nenow (1983), numa produção transnacional de Espanha, Polónia, Bélgica, Alemanha e Hungria.

O filme, cujo título original é *Another Day of Life*, é inovador por cruzar dois géneros tidos como opostos: o documentário, que procura uma representação a partir do real, e o cinema de animação que propõe realidades ficcionalizadas, alternativas, e até mesmo surrealistas. Um experimentalismo com as fronteiras entre géneros que, na verdade, dialoga bem com o estilo de Ryszard Kapuscinski, cujo trabalho jornalístico vacila entre reportagem e ficção: o livro “*Mais um Dia de Vida* é, por isso, um documento único. Talvez seja também bom jornalismo. É, sem dúvida, grande literatura” (2). O hibridismo inovador experimentado no filme condiciona, necessariamente, a linguagem usada por cada uma das técnicas (documental e de animação). O filme causa, assim, alguma perplexidade pela ligeireza com que factos reais e pessoas concretas acabam por se diluir numa história de aventura, filme de guerra, espionagem e luta pelo poder à escala global. Os realizadores deste filme assumem que foram precisamente estes elementos que os inspiraram no livro e aliciaram para a realização deste projeto.

Mais um Dia de Vida apresenta-nos um guião focado na figura do jornalista Ryszard Kapuscinski e na sua aventura. Angola é mero contexto. O jornalista ocupa a narrativa, quer textual quer visual que o desenha com um traço que denota fortes emoções – logo grande humanidade – recorrendo a grandes planos sobre a sua face. Os restantes personagens centrais na história são igualmente brancos, desde os informantes em Luanda até ao Comandante Farrusco que se juntara ao MPLA depois de terminar a sua comissão no exército colonial português, e que lidera a resistência no “último” aquartelamento do MPLA a sul, em Pereira d’Eça. Na única cena a ela dedicada, a população negra é representada com recurso a *topoi* coloniais que a mantêm numa condição de alienação sobre a sua situação política e sobre o conflito, centrada em viver o quotidiano nos musseques, onde música, álcool e festa parecem ocupar o tempo, não faltando a representação híper-sexualizada da mulher negra. Também este filme deixa entrever como a sociedade angolana, conforme o jornalista a encontrou e viveu, estava profundamente fraturada, quer política, quer social, quer racialmente.



MAIS UM DIA DE VIDA:
MEMORIALIZAÇÃO DO JORNALISTA,
ESQUECIMENTO DE ANGOLA

Apresentado como um filme que cruza os géneros de documentário e animação, Raúl de la Fuente adiciona excertos de entrevistas realizadas recentemente com alguns dos personagens do filme, e fotografias de época, de que destaco a utilização de fotografias de Carlota, única personagem feminina do filme. Carlota é uma militar de 20 anos, mestiça, comandante de um pequeno grupo de soldados no sul de Angola, morta com todo o seu grupo em combate, ao qual proíbe o jornalista de assistir, salvando-lhe deste modo a vida. No filme, Carlota evoca o jornalista e o seu “dever de memória”: “Faz com que não nos esqueçam!” Esta evocação, enquadrada pela sua foto tirada pelo jornalista, torna-se a epígrafe do filme. A ligação que a fotografia consegue com o público é forte porque a ‘*imagetext*’ (3) criada pelos autores (ou seja, a narrativa que emerge da inter-relação entre a fotografia e o texto que lhe é apostado para a descrever) cria eficazmente uma ponte entre passado e presente. Esta evocação ao dever de memória não existe no livro original, onde o episódio com Carlota é fugaz e narrado a partir de um olhar masculino e sexual. Assim, detetamos um gesto criativo dos autores que denota a sua consciência de contribuir para uma memória de segunda geração. Porém, e apesar deste momento artisticamente bem conseguido, esta ‘*imagetext*’ revela simultaneamente a falência ética e documental deste projeto cinematográfico. O filme frustra o desígnio que os próprios realizadores se colocam ao atribuir a Carlota este papel de interpelação a uma memória futura. Pelas opções estéticas e narrativas dos autores, o filme alcança apenas a memorialização do jornalista tornado herói.

Em *Mais um Dia de Vida*, encontramos uma estética hollywoodesca, de construção e celebração do herói Kapuscinski. Terá a mais valia de dar a conhecer a outros públicos (em particular ao mais jovem, pelo estilo de filme de ação) o xadrez político regional e internacional que se jogava em Angola. Porém, ao centrar a narrativa de forma tão redutora na figura do ‘herói jornalista’, o filme não responde à evocação de Carlota, ficando suspenso num jogo dúbio de uso (e abuso) da memória e do esquecimento (4), o que frequentemente subjaz na produção de memórias sobre este contexto histórico.

(1) Sobre o livro e autor, consultar António Pinto Ribeiro (2017), *África, os Quatro Rios. A representação de África através da literatura de viagens europeia e norte-americana*. Porto: Afrontamento.

(2) Pedro Rosa Mendes (2013), “Uma alegoria na história. Prefácio.” in Ryszard Kapuscinski, *Mais um Dia de vida: Angola 1975*. (Tradução de Ana Saldanha). Lisboa: Tinta da China, p. 7.

(3) WJT Mitchell (1994), *Picture Theory: essays on visual and verbal interpretation*. Chicago: University of Chicago Press.

(4) Paul Ricoeur (2006), *Memory, History, Forgetting*. Chicago: University of Chicago Press.



MAIS UM DIA DE VIDA:
MEMORIALIZAÇÃO DO JORNALISTA,
ESQUECIMENTO DE ANGOLA

Hélia Santos é investigadora júnior do Centro de Estudos Sociais, integra a equipa do projeto *Memoirs-Filhos de Império e Pós-memórias Europeias* (ERC Consolidator Grant, nº 648624) onde se encontra a desenvolver o projeto de doutoramento “Paradoxos Coloniais: memória, pós-memória e esquecimento em narrativas de segunda geração”, sob orientação de António Sousa Ribeiro.

MEMOIRS é financiado pelo Conselho Europeu de Investigação (ERC) no âmbito do Programa-Quadro Comunitário de Investigação & Inovação Horizonte 2020 da União Europeia (n.º 648624) e está sediado no Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra.